

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



O PROBLEMA DAS DUAS PALINÓDIAS DE ESTESÍCORO

Segundo uma lenda corrente na Antiguidade, a composição da *Helena* de Estesícoro teria valido a cegueira ao seu autor. O terrível castigo, que muitos pretendem interpretar de forma simbólica (mas uma lenda não merece tantas preocupações racionalistas...), teria sido provocado pela atitude irreverente do poeta, que, integrado numa tradição documentada em Homero e Hesíodo, ousou, no poema referido, traçar da bela filha de Leda uma imagem difamatória. Não conhecemos os pormenores desta imagem, mas é natural que nela assumissem relevo particular os traços conexos da responsabilidade pela guerra de Tróia e da infidelidade conjugal. Helena sentiu o ultraje e, usando dos seus vastos poderes (ela era filha de Zeus e, ao deixar este mundo, havia sido divinizada), puniu Estesícoro com a cegueira.

Conta mais a lenda que o poeta cego, ao compreender a origem da sua desgraça, compôs uma retratação (Palinódia) em honra de Helena e assim recuperou a vista. Valeu-lhe a bela Helena não ser para ressentimentos!

Platão e Isócrates são os nossos principais informadores sobre esta questão da cegueira do poeta. O testemunho platónico, que apresentarei em primeiro lugar, é, pela sua citação dum passo de Estesícoro (o frg. PMG 192 Page), de uma importância muito especial:

«Para aqueles que cometem erros a respeito da mitologia há uma purificação, que, ao contrário de Estesícoro, Homero não conheceu. Na realidade, privado da vista por ter difamado Helena, Estesícoro entendeu aquilo que Homero não fora capaz de entender, com a ajuda da Musa reconheceu o motivo e imediatamente escreveu:

Esta história não é verdadeira:
tu não embarcaste nas naus de belo convés
nem foste à cidadela de Tróia.

E, tendo, assim, composto toda a chamada Palinódia, logo voltou a ver» (1).

Isócrates, por seu turno, declara o seguinte:

«Ela (Helena) também revelou o seu poder ao poeta Estesícoro. Quando este, ao iniciar o poema, usou a respeito dela de palavras inconvenientes, levantou-se privado da vista; mas, ao reconhecer a causa da sua desgraça, compôs a chamada Palinódia e tanto bastou para que ela o fizesse voltar ao primitivo estado» (2).

Com base nestes textos insiste Kannicht (3) na ideia já antiga (4) de que *Helena* e *Palinódia* eram partes integrantes de uma única obra. Relativamente ao texto de Isócrates, valoriza Kannicht a expressão ἀρχόμενος τῆς ᾠδῆς («ao iniciar o poema»), que, segundo ele, demonstraria a integração referida. Mas o que Isócrates diz é que a primeira referência caluniosa a Helena que Estesícoro pronunciou no seu poema (*Helena*) lhe custou imediatamente a cegueira. É natural que Helena não estivesse à espera do fim do poema para o castigar... Afirma depois Isócrates que, «ao reconhecer a causa da sua desgraça, [Estesícoro] compôs a chamada Palinódia». Ora nada obriga a concluir que este reconhecimento se realizou no decurso da composição de *Helena*. A diferente designação «τῆς ᾠδῆς» e «τὴν καλουμένην παλινωδίαν» parece indicar precisamente o contrário.

Também o εὐθύς de Platão (5) não prova o que Kannicht pretende. Platão diz apenas que, ao reconhecer, por inspiração da Musa, a causa

(1) Ἔστιν δὲ τοῖς ἁμαρτάνουσι περὶ μυθολογίαν καθαροῦ ἀρχαίου, ὃν Ὅμηρος μὲν οὐκ ᾔσθετο, Στησίχορος δὲ τῶν γὰρ ὀμμάτων στεροθῆεις διὰ τὴν Ἑλένης κακῆγορίαν οὐκ ἠγνόησεν ὥσπερ Ὅμηρος, ἀλλ' ἄτε μουσικὸς ὢν ἔγνω τὴν αἰτίαν καὶ ποιῆι εὐθύς.

οὐκ ἔστ' ἔτυμος λόγος οὗτος·
οὐδ' ἔβας ἐν νηυσὶν εὐσέλμοις
οὐδ' ἴκει Πέργαμα Τροίας.

καὶ ποιήσας δὴ πᾶσαν τὴν καλουμένην παλινωδίαν παραχρῆμα ἀνέβλεψεν (*Fedro* 243 a-b).

(2) Ἐνεδείξατο δὲ καὶ Στησίχορος τῷ ποιητῇ τὴν αὐτῆς δύναμιν. ὅτε μὲν γὰρ ἀρχόμενος τῆς ᾠδῆς ἐβλασφήμησέ τι περὶ αὐτῆς, ἀνέστη τῶν ὀφθαλμῶν ἐστερημένος, ἐπειδὴ δὲ γνοὺς τὴν αἰτίαν τῆς συμφορᾶς τὴν καλουμένην παλινωδίαν ἐποίησε, πάλιν αὐτὸν εἰς τὴν αὐτὴν φύσιν κατέστησεν (*Hel.*, 64).

(3) Euripides. *Helena*, I, 1969, pp. 28-9.

(4) M. Doria, «Le Due Palinodie di Stesicoro», *La Parola del Passato*, 89 (1963), p. 85, n. 18.

(5) καὶ ποιῆι εὐθύς (= e imediatamente escreveu).

da sua cegueira, Estesícoro «imediatamente» escreveu a *Palinódia*. Nada no texto permite definir uma ligação temporal determinada (no caso, imediata) entre a composição da *Helena* e a da *Palinódia*. Se, mais tarde, editores conscientes da íntima ligação temática entre as duas obras decidiram reuni-las, como se se tratasse de uma só obra, dividida em duas partes, isso, além de indemonstrável, em nada interfere com a primitiva independência das criações.

Esta orientação unitária, que me parece muito discutível, tentará ainda a sua intervenção no problema das duas *Palinódias*, que passo a considerar. A concepção tradicional, que atribuía a Estesícoro a composição de uma *Palinódia*, foi, em 1963, posta em causa pela descoberta de um papiro, em que um comentador desconhecido faz as seguintes, curiosas, declarações:

«[Na 1.^a *Palinódia*, Estesícoro] censura Homero por ter feito partir Helena para Tróia, em vez do seu simulacro; na 2.^a, censura Hesíodo: duas são, portanto, as *Palinódias* e diferentes uma da outra. E o começo da 1.^a é: «De novo, ó deusa, amiga do canto e da dança» e da 2.^a: «Ó donzela das asas douradas». Assim escreveu Caméleon. O mesmo Estesícoro narra que o simulacro de Helena foi para Tróia, enquanto Helena ficava junto de Proteu...» (1).

Este depoimento de Caméleon, à primeira vista insuspeito, tem sido, no entanto, objecto de reservas por parte de alguns autores, que chegam a recusar-lhe toda a veracidade. É o caso de Woodbury que, convencido da existência de uma só *Palinódia*, segundo a opinião corrente até ao aparecimento do papiro citado, desenvolve um esforço inglório para desacreditar Caméleon, que classifica de inclinado a afirmações sensacionalistas, interessado apenas em pormenores de intriga biográfica e responsável por erros palmares como o de ter feito Safo contemporânea de Anacreonte (2). Em defesa de Caméleon citarei palavras de Bowra (3): «Embora ele apreciasse a má língua, gostava de a apoiar com um texto. As suas interpretações podem ser erradas,

(1) ...[μέμ]φεται τὸν Ὅμηρον ὅτι Ἑλένην ἐποίησε ἐν Τροίᾳ καὶ οὐ τὸ εἰδωλὸν ἀντὶ[ς, ἔν] τε τ[ῆ] ἐτέρᾳ τὸν Ἡσίοδον μέμ[φ]ετα διτταὶ γὰρ εἰσι παλινοδικαὶ διαλλάττονσαι, καὶ ἔστιν ἢ μὲν ἀρχή· δευτῶ· αὐτὲ θεὰ φιλόμολπε, τῆς δέ· χρυσόπτερε παρθένε, ὡς ἀνέγραψε Χαμαιλέον, ἀντὶ[ς] δ' ἐφησ[ιν] ὁ Στησίχορος τὸ μὲν εἰδωλὸν ἔλθειν ἐς Τροίαν, τὴν δ' Ἑλένην παρὰ τῷ Πρωτεί καταμεῖν[αι] (*P Oxy* 2506, frg. 26, 1).

(2) «Helen and the Palinode», *Phoenix* XXI: 3 (1967), p. 160.

(3) «The Two Palinodes of Stesichorus», in *On Greek Margins*, 1970, p. 87.

os seus textos, em regra, não o são». Acrescentarei que, quaisquer que fossem as deficiências de Caméleon, ao fim e ao cabo o comentador que o cita confiou nele e estava, certamente, mais do que nós em condições de ajuizar da sua credibilidade.

Facto saliente no texto do papiro é a falta de referência ao motivo da censura a Hesíodo, feita na 2.^a *Palinódia*, ao contrário do que acontece na 1.^a, relativamente a Homero. A este propósito cita Woodbury (1) o escólio ao v. 822 da *Alexandra* de Licófron, onde se lê: «Hesíodo foi o primeiro a introduzir o simulacro de Helena» (2). O facto de, a seguir, o escoliasta atribuir erradamente a Heródoto o envio do fantasma de Helena para Tróia leva Woodbury a negar valor ao testemunho referente a Hesíodo. Mas o argumento não satisfaz. É evidente que a confusão feita em relação ao texto de Heródoto não constitui a demonstração da falsidade do texto completo. Seriam erros a mais para um escoliasta só (3). E Woodbury argumenta: «Se é errado atribuir a Hesíodo a introdução do fantasma e Caméleon não cometeu este erro, a conclusão mais simples a tirar é que Hesíodo foi censurado por Estesícoro pela mesma razão de Homero». A este raciocínio poderá objectar-se o seguinte: 1.^o) Caméleon, pura e simplesmente, não se pronuncia sobre a «invenção» do εἶδωλον; 2.^o) Se Hesíodo não criou o εἶδωλον, não é, certamente, por este motivo que Estesícoro o censura: uma 2.^a *Palinódia* para dizer o mesmo que a 1.^a (apenas com a mudança de nome de Homero para Hesíodo) parece uma ideia destituída de toda a lógica. É por isso que Woodbury se vê obrigado a concluir que só houve uma *Palinódia*, mas então está a ignorar a afirmação peremptória do comentador: «duas são, portanto, as *Palinódias* e diferentes uma da outra». A clareza do texto não é nada favorável a especulações deste género.

A hipótese a seguir formulada por Woodbury, com base na aceitação do testemunho do escoliasta de Licófron, também me parece mal construída. Hesíodo teria usado a versão do mito que encontramos

(1) *Art. cit.*, pp. 159-60.

(2) *πρῶτος Ἡσίοδος περὶ τῆς Ἑλένης τὸ εἶδωλον παρήγαγε.*

(3) Também Dale (*Euripides. Helen*, 1967, p. 23) contesta a autoria hesiódica do simulacro de Helena, admitindo, com Marckscheffel, que «Hesíodo» é um lapso por «Estesícoro». O ponto é secundário. De qualquer modo, a maioria dos críticos modernos aceita como bom o testemunho do escoliasta. Ver Doria, *art. cit.*, p. 88, n. 28.

no 1.º estásimo do *Agamémnon* de Ésquilo: o fantasma (*φάσμα*) de Helena governa a casa de Menelau. Seria este uso errado do *εἶδωλον* que Estesícoro censuraria a Hesíodo. Mas o que está implícito neste raciocínio é um duplo sentido da palavra *εἶδωλον* que nada justifica. Em Ésquilo, Menelau não consegue libertar-se da memória de Helena. É apenas isto. Não se trata de supor que Helena está presente, quando, na realidade, ela navega para Tróia na companhia de Páris. Menelau não tem quaisquer ilusões sobre a partida de Helena. Esta hipótese de Woodbury não passa de um equívoco.

O problema essencial consiste, no fundo, em saber a razão que terá levado Estesícoro a escrever duas *Palinódias*, em vez de uma, como se pensava, e qual terá sido o tema central de cada uma delas.

No artigo já citado (1), analisa M. Doria este problema, para o qual propõe a seguinte solução: na 1.ª *Palinódia*, destinada a refutar Homero, Estesícoro demonstraria que Helena não tinha sido a causa da guerra troiana; na 2.ª, refutando Hesíodo, isentaria Helena da acusação de infidelidade conjugal (2). Portanto, de acordo com esta tese, na 1.ª *Palinódia* Helena ainda seria culpada de infidelidade conjugal, na 2.ª, consumir-se-ia a sua reabilitação total.

O facto, porém, de Doria admitir que o fragmento 192 de Estesícoro, inserto no passo atrás citado do *Fedro* de Platão, pertence à 1.ª *Palinódia* contraria gravemente esta hipótese, porquanto, em tal fragmento, a reabilitação de Helena é completa: «não embarcaste nas naus de belo convés», lê-se no 2.º verso. Posto perante esta situação, Doria vê-se forçado a reinterpretar o texto do fragmento, alterando a forma do verso medial contra o testemunho unânime dos manuscritos e dos papiros. É uma solução que dificilmente se poderá aceitar.

Sobre a questão levantada pelo frg. 192 se pronuncia também Bowra no artigo já mencionado neste trabalho. Tal como Doria, defende Bowra (1) a atribuição deste fragmento à 1.ª *Palinódia*, apoi-

(1) pp. 87-8.

(2) A págs. 223-4 do seu artigo «Stesichorus and Helen» (in *From Archilochus to Pindar*, 1968, pp. 196-225), sugere Davison uma interpretação semelhante da versão hesiódica, mas corrige arbitrariamente Caméleon, afirmando que a crítica a Hesíodo era o tema da 1.ª *Palinódia*. Esta opinião deixa por explicar a composição da 2.ª *Palinódia*. Sobre a posição de Hesíodo relativamente a Helena, recorde-se um verso do frg. 93 Rz.: ὡς δ' Ἐλένη ἦσχυνε λέχος ξανθοῦ Μενελάου (= e assim Helena manchou o leito do louro Menelau).

(1) P. 94.

ando-se fundamentalmente num passo de Díon Crisóstomo, onde se lê o seguinte:

«...e que Estesícoro, no poema ulterior, diz que Helena nunca navegou para parte nenhuma, enquanto alguns outros sustentam que foi raptada por Alexandre» (1).

Daqui conclui Bowra que, se Helena «nunca navegou para parte nenhuma», o frg. 192 pode bem pertencer à 1.^a *Palinódia*, uma vez que nele se faz idêntica afirmação. Esta opinião entra, porém, em conflito com três testemunhos, os dos escoliastas de Aristides (2) e o de Tzetzes (3), que afirmam que, segundo Estesícoro, Helena navegou para o Egípto, onde Proteu a substituiu por um *εἶδωλον*, levado por Páris para Tróia. Não é argumento dizer, com Bowra, que Tzetzes e os escoliastas se enganaram (4).

Creio que a solução do caso está na atribuição do frg. 192 à 2.^a *Palinódia*, e não à 1.^a como pretendem Doria e Bowra (5). Os dois argumentos invocados por Doria contra esta interpretação não me parecem convincentes. Comentando o passo do *Fedro*, que inclui o frg. 192, Doria escreve: «No início desta (da 2.^a *Palinódia*) o poeta não teria certamente podido dizer: «Não é verdade quanto se narra», mas antes

(1) ...καὶ τὸν μὲν Στησίχορον ἐν τῇ ὕστερον ᾠδῇ λέγειν ὅτι τὸ παράπαν οὐδὲ πλεύσειεν ἢ Ἑλένη οὐδαμῶσε, ἄλλους δὲ τινὰς ὡς ἀρπασθεῖη μὲν Ἑλένη ὑπὸ τοῦ Ἀλεξάνδρου (*Orationes*, 11. 40).

(2) a) Στησίχορος ἐν τῇ ποιήσει λέγει ὡς ἠρπакὸς τὴν Ἑλένην Ἀλέξανδρος καὶ διὰ τῆς Φάρον ἐρχόμενος ἀφηρέθη μὲν ταύτην παρὰ Πρωτέως, ἔλαβε δὲ παρ' αὐτοῦ ἐν πίνακι τὸ εἶδωλον αὐτῆς γεγραμμένον, ἵνα ὁρῶν παραμυθηοῖτο τὸν αὐτοῦ ἔρωτα (AC).

b) εἰς Στησίχορον αἰνίττεται λέγει γὰρ ἐκεῖνος ὅτι ἐλθὼν ἐπὶ ταύτης τῆς νῆσου τῆς Φάρον ἀφηρέθη παρὰ τοῦ Πρωτέως τὴν Ἑλένην καὶ εἶδωλον αὐτῆς ἐδέξατο (escólios a *Orationes*, III 150, 28-35).

(3) λέγουσιν ὅτι διερχομένῳ Ἀλεξάνδρῳ ὁ Πρωτεὺς Ἑλένην ἀφελόμενος εἶδωλον Ἑλένης αὐτῷ δέδωκεν, καὶ οὕτως ἔπλευσεν ἐς Τροίαν, ὡς φησι Στησίχορος (escólio ao v. 113 da *Alexandra* de Licófron).

(4) *Art. cit.*, p. 95.

(5) Também Kannicht afirma, sem provas, que o fragmento em causa pertence à 1.^a *Palinódia* (*Op. cit.*, p. 38). Dale defende a mesma opinião com razões que nada têm de decisivo (*Op. cit.*, p. XXI). A que se afigura mais importante é de carácter métrico: «A invocação inicial à Musa, citada por Caméleon [como pertencente à 1.^a *Palinódia*], tem o mesmo metro que o 1.^o verso da citação de Platão». A isto pode responder-se que os dois exórdios, citados por Caméleon (o da 1.^a e o da 2.^a *Palinódia*), têm uma estrutura métrica semelhante: o 2.^o é apenas mais curto. Logo, a relação com a métrica do fragmento do *Fedro* não permite concluir nada sobre se o dito fragmento pertence à 1.^a ou à 2.^a *Palinódia*.

qualquer coisa como «Nem esta narrativa (ou seja, a de Hesíodo) é verdadeira»; além disso, o próprio Platão nos informa de que os três versos foram escritos logo a seguir ao momento em que se declarou a sua cegueira» (1).

Observe-se, em primeiro lugar, que o sentido exacto do verso citado «οὐκ ἔστ' ἔτυμος λόγος οὗτος» é «Esta história (ou narrativa) não é verdadeira», o que não significa bem o mesmo que «Não é verdade quanto se narra». Esta última frase tem, evidentemente, um sentido mais geral. Além disso, dado que o verso em causa não marcava o início do poema, podemos admitir que os versos anteriores lhe demarcavam perfeitamente o sentido. Quanto ao segundo argumento, colhido no *Fedro* de Platão, já atrás discuti o sentido a atribuir à palavra εὐθύς (= imediatamente) do texto platónico. Salientarei aqui que o reconhecimento decisivo do motivo da cegueira, que leva à recuperação da vista, é o que se exprime na composição da 2.^a *Palinódia*, dado que, com a 1.^a, a situação não se modificou. Aliás, a declaração que no texto se faz de que Helena não embarcou jamais nas naus de belo convés não pode ser interpretada de outra maneira, estaria perfeitamente deslocada na 1.^a *Palinódia*. Bastará recordar o depoimento de Caméleon, transmitido pelo papiro: «[Na 1.^a *Palinódia*, Estesícoro] censura Homero por ter feito partir Helena para Tróia, em vez do seu simulacro».

Ficamos, assim, em condições de admitir que, na 1.^a versão, Helena tivesse de facto navegado com Páris para o Egipto, onde, de acordo com os testemunhos de Tzetzes e escoliastas de Aristides, Proteu teria procedido à sua substituição por um fantasma. Justificar-se-iam assim as duas palinódias, dentro do esquema geral proposto por Doria: na 1.^a, Estesícoro defende Helena da acusação de ter ido a Tróia, sem no entanto a isentar da culpa de infidelidade; na 2.^a, procede à sua reabilitação total, afirmando que Helena nunca navegou para o Egipto na companhia de Páris. Este levou consigo de Esparta um simples fantasma, criado por um deus. Eurípides, na *Helena*, versará este mito, atribuindo a Hera a criação do εἶδωλον e a Zeus o transporte de Helena para o Egipto, graças aos bons ofícios de seu filho Hermes.

Passemos agora em revista, de forma sistemática, os principais testemunhos sobre as *Palinódias*, analisando a relação em que estão com as ideias expostas. Assim:

- 1) Platão, no *Fedro*, cita versos da 2.^a *Palinódia* e, ao escrever

(1) *Art. cit.*, p. 87.

«tendo, assim, composto *toda* a chamada *Palinódia*», está muito provavelmente a referir-se à *Palinódia* completa, como composta de dois livros ou dois poemas independentes. A esta conclusão chega correctamente Doria (1), ao reflectir sobre o valor da palavra *πᾶσαν* (= toda) do texto. Não é, portanto, exacto que, como pretende Woodbury (2), o testemunho de Platão desvalorize necessariamente o de Caméleon.

2) Tal como Platão, também Isócrates, no passo citado da *Helena*, se refere à 2.^a *Palinódia*, ou então às duas *Palinódias* como um todo.

3) No Livro IX da *República*, Platão fala do *εἶδωλον* em Tróia (3), o que se pode aplicar a qualquer das *palinódias*, dado que em ambas o *εἶδωλον* desempenha o mesmo papel em Tróia. O mesmo sucede, como veremos adiante, no papiro.

4) O passo de Díon Crisóstomo deve ser igualmente interpretado como referido à 2.^a *Palinódia* e a referência é particularmente importante dado que parece implicar, por parte do autor, a ignorância da 1.^a *Palinódia*. É a conclusão lógica a tirar da afirmação de que *ἄλλοι τινές* (= alguns outros) sustentam que Helena foi raptada por Alexandre, quando isto foi, afinal, declarado pelo próprio Estesícoro na 1.^a *Palinódia*. Que Estesícoro narrou o rapto, provam-no Tzetzes e os dois escoliastas de Aristides, no texto em que atribuem a Proteu a criação do *εἶδωλον*. Creio que este é um argumento de peso a favor da separação e independência das duas *Palinódias*. Invoca Kannicht (4) a influência sobre Díon do testemunho de Platão, mas a nossa ignorância de muitas das variadas referências a este mito, que devem ter corrido na Antiguidade, aconselham reserva nestas conjecturas. De resto, a citação de *ἄλλοι τινες* prova que Díon não estava dependente apenas de Platão.

5) Os dois escoliastas de Aristides e Tzetzes, ao mencionarem o rapto de Helena por Páris e a criação do *εἶδωλον* por Proteu, estão, naturalmente, a pensar em termos de 1.^a *Palinódia*. Esta intervenção de Proteu pode ser invenção de Estesícoro, dado que não sabemos onde e como é que Hesíodo introduziu o *εἶδωλον* (escólio ao v. 822 da *Alexandra* de Licófron).

(1) *Art. cit.*, p. 87, n. 25.

(2) *Art. cit.*, p. 162.

(3) "Ὡσπερ τὸ τῆς Ἑλένης εἶδωλον ὑπὸ τῶν ἐν Τροίᾳ Στησίχορος φησι γενέσθαι περιμάχητον ἀγνοία τοῦ ἀληθοῦς (586 c).

(4) *Op. cit.*, p. 28, n. 5.

6) Também Heródoto, no Livro II da sua *História*, se funda na 1.^a *Palinódia*, ao dar do rapto de Helena uma versão racionalizada. Verifica-se aqui igualmente a intervenção de Proteu, que retém Helena no Egípto, mas não se dá a substituição desta pelo *εἶδωλον*. Os Troianos hão-de negar a presença de Helena em Tróia e Tróia cairá, porque os Gregos não hão-de acreditar. Mas os Troianos falavam verdade, como Menelau comprovará quando aproar ao Egípto no seu regresso.

7) Eurípides, na *Helena*, apresenta uma versão concordante com a 2.^a *Palinódia* de Estesícoro. Os pormenores da relação entre os dois autores no tratamento do mito são naturalmente obscuros, mas a reconstrução provável da 2.^a *Palinódia* nas suas linhas gerais sugere a filiação nesta obra da *Helena* de Eurípides (1).

8) Finalmente, no papiro publicado em 1963, citam-se claramente as duas *Palinódias*. A referência do papiro à ida do *εἶδωλον* para Tróia e estadia de Helena junto de Proteu é, dado o carácter vago com que é formulada, compatível com as duas *Palinódias*, como já observei no n. 3, a propósito do testemunho da *República* de Platão (2). S^{to} Ireneu (3), na sua obra *Adversus Haereses*, confirmará o depoimento de Caméleon, ao falar das *palinódias* de Estesícoro, a propósito da cegueira do poeta.

Resumindo, para concluir:

Estesícoro escreveu duas *Palinódias*, conforme os testemunhos de Caméleon e S^{to} Ireneu. As referências posteriores, como é de esperar, são em regra à 2.^a *Palinódia*, dado que só nesta a retratação de Estesícoro é completa. A *Helena* de Eurípides situa-se no início deste processo de utilização da 2.^a *Palinódia*. Heródoto ocupa uma posição aparte, com a sua racionalização do mito, que naturalmente lhe exige que tome como ponto de partida a versão tratada na 1.^a *Palinódia*. Nesta atitude de ignorar a 2.^a *Palinódia*, ligam-se a Heródoto os testemunhos de Tzetzes e dos dois escoliastas de Aristides.

M. OLIVEIRA PULQUÉRIO

(1) Esta é a opinião de vários autores, como Davison (*Art. cit.*, pp. 216-7) e Kannicht (*Op. cit.*, p. 31).

(2) Arbitrária a atribuição destas palavras do papiro a uma só das *Palinódias*: à 1.^a (Bowra, *art. cit.*, p. 92), à 2.^a (Doria, *art. cit.*, p. 85, n. 16).

(3) Citado por F. Bertini, «L'ΕΙΔΩΛΟΝ Di Elena» in *Mythos* (volume de homenagem a M. Untersteiner), 1970, p. 87, n. 24.